

ATIVIDADES PRÁTICAS E AULAS EXPOSITIVAS DE PRIMEIROS SOCORROS A CRIANÇAS E ADOLESCENTES DA CIDADE DE PALMARES-PE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Aryadyna Thallya Cordeiro Lourenço de Macêdo⁽¹⁾; Cláudio Galvão de Souza Júnior⁽²⁾

⁽¹⁾Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Unidade Acadêmica de Garanhuns – UAG, e-mail: aryadynathallya2018@gmail.com

⁽²⁾Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, Unidade Acadêmica de Garanhuns – UAG, e-mail: claudio.galvao@ufrpe.br

Introdução

O Atendimento Pré-Hospitalar (APH) é uma forma de atendimento realizado fora do espaço hospitalar que busca evitar a morbimortalidade através de ações de atenção à saúde para vitimados por traumas ou mal súbito a fim de possibilitar sobrevida e evitar agravamentos. O mal súbito é caracterizado pela perda súbita da consciência, por desmaios, ou por situações mais graves e fatais como acidentes vasculares cerebrais, infarto agudo do miocárdio, ou arritmias cardíacas (PRIORI et al. 2015).

O trauma é a causa mais comum de morte em pessoas com menos de 40 anos e sua incidência deve aumentar nos próximos 20 anos. É a doença que mais consome recursos médico-hospitalares em todo o mundo e constitui a principal causa de morte e incapacidade em ambientes civis e militares. Traumas são lesões causadas por uma força externa devido a acidentes, violência ou auto-agressão, podendo ser físicos ou psicológicos (CETS, 2017). Em 1958 foi definido pela Organização Mundial da Saúde - OMS, o termo “acidente”, como sendo um acontecimento que independe da vontade humana e que ocorre por intermédio de força exterior, atuando rápido sobre o sujeito e trazendo danos físicos ou mentais (BATIGÁLIA, 2002 apud RIBEIRO 2011).

Como é perceptível visualizar em notícias televisivas ou jornais escritos a maioria dos acidentes ocorre fora do âmbito hospitalar, além de se saber que as primeiras horas são cruciais em termos de mortalidades. Autores têm ressaltado que o treinamento sobre princípios básicos de primeiros socorros nas escolas é de fundamental importância para minimizar danos advindos da incorreta manipulação com a vítima e falta de socorro imediato (CODEPPS, 2007; FIORUC et al, 2008). Isto implica dizer que há uma necessidade de maior inserção dos conhecimentos sobre APH - Atendimento Pré-Hospitalar, para uma maior quantidade de pessoas, não apenas se detendo aos profissionais da saúde. Portanto, o conhecimento sobre como lidar nestas situações deve ser ensinado aos indivíduos o mais cedo possível, com vistas a evitar ou minimizar as possíveis sequelas que determinada situação de acidente possa produzir, ensinando-os a intervirem de maneira correta até que o socorro chegue, ou mesmo, ensinando sobre o que, definitivamente, não deve ser feito (DIAS et al., 2010).

Se considerarmos que o ato de assistir uma pessoa enferma sempre existiu e que as profissões de enfermeiro, médico, bombeiro entre outras foram se sistematizando gradativamente na medida em que essa necessidade de assistência cresceu, podemos então considerar que anterior a esta sistematização, pessoas “comuns” realizavam estas ações de APH, logo se pode chegar à conclusão de que ações básicas podem ser ensinadas para todas as pessoas. Não que pessoas sem uma formação adequada vão conseguir agir frente a

situações de acidentes, mas garantir que esta saiba o mínimo do que se deva fazer nestas situações é fundamental (LUZ, 2005, p. 152). Certamente, ações como uma manobra de desengasgo, de Reanimação Cardiorrespiratória (RCP), saber lidar com situações de desmaio, ou até mesmo ter ciência e conseguir ligar para o socorro quando uma situação desta ocorre, são atitudes que podem ser realizadas e aprendidas por jovens e adultos, além de evitar outras tidas como corretas no senso comum, mas que agravam o caso em algumas situações.

Contudo, faz-se necessária uma prática pedagógica apropriada e eficaz quando se refere a jovens e adolescentes, uma vez que um treinamento específico é condição indispensável mesmo para profissionais de saúde trabalharem com vítimas de trauma, pois é necessário conhecer as particularidades da doença/ocorrência (CETS, 2017).

Levando em consideração estes fatores, foram analisadas ações desenvolvidas durante aulas de APH para crianças de bairros carentes da cidade de Palmares-PE, passadas de uma forma dinâmica e que os fizessem compreender, sempre pondo em prática, o que foi falado para facilitar a compreensão integral dos fatores ali apresentados, promovendo a autonomia e protagonismo.

Metodologia

O presente trabalho teve como objeto um curso oferecido para 27 adolescentes e jovens do município de Palmares, zona da mata do estado de Pernambuco, como ação prevista num projeto de ação social desenvolvido por profissionais de saúde e de atividades esportivas do corpo de bombeiros do estado de Pernambuco.

A ação observada foi realizada na Escolinha Militar de Palmares, idealizada pelo senhor Eduardo Bezerra Lins, 2º Sargento da Polícia Militar, conhecido em Palmares como Sargento Pia, iniciada em 26 de setembro de 2015, como fruto do “Projeto Sargento Pia: a sua vitória é a nossa vitória”. Lá são ofertadas, por professores instrutores bombeiros, aulas de segurança pessoal, Taekwondo e também é oportunizado treinamento físico, para crianças e adolescentes que tenham entre 11 e 24 anos. Estas aulas são ofertadas na Sede do Corpo de Bombeiros de Palmares, município da zona da mata sul do estado de Pernambuco.

Buscou-se analisar a proposta e a dinâmica pedagógica considerados os perfis dos participantes e o objetivo do curso.

Resultados e Discussão

No dia 01 de outubro de 2017 foram ofertadas aulas¹ de Atendimento Pré-Hospitalar (APH) nos turnos manhã e tarde, para crianças e adolescentes de bairros carentes da cidade, visando o desenvolvimento integral dos indivíduos perante a realidade que os permeia. O curso ofertado para duas turmas de alunos teve duração de 7 horas e constou de duas aulas expositivas, com material impresso gratuito e realização de treinamento em simulações, como aplicação prática.

Durante o curso APH acompanhado nesta Escolinha Militar foi ensinado aos que ali se encontravam o que precisa ser feito emergencialmente em situações de acidente, como ligar para o socorro em primeiro plano, formas adequadas de ligar para profissionais da saúde e como se manter e o que deve ser feito até que este socorro chegue (como as manobras de assistência mais corriqueiras em termos de ocorrência, tais como aferir a pulsação, manobra de desengasgo, ações em situações de desmaio, além das manobras de PCR- Parada Cardiorrespiratória e RCP- Reanimação Cardiorrespiratória).

1 Aulas realizadas em dois turnos manhã das 09:00hrs às 12:00hrs e tarde das 13:00hrs às 16:30hrs.

As aulas ocorreram de maneira interativa, perguntando-se aos alunos o que eles entendiam por APH e quais os tipos de acidentes eles viam mais em suas realidades, e a partir disso foram direcionadas as manobras que seriam trabalhadas. Falava-se o nome da manobra, questionava-se sobre suas reações como desdobramento do conhecimento prévio deles e após isso se explicitava como de fato deveria ser feito, mostrando a manobra de maneira prática.

Os alunos eram divididos em duplas ao fim de cada explicação e tentavam reproduzir a prática que acabaram de visualizar. Os professores² iam aconselhando e mostrando o que estava certo e errado, para que o que não estivesse adequado fosse consertado. Após o fim da explicação das 6 manobras de assistência, ocorreu o que foi chamado de simulação prática de salvamento. Então, foram organizadas simulações onde cada um deles, um por vez, identificava o que deveria ser feito em cada simulação proposta, de modo a observar se os sujeitos em questão de fato compreenderam o que lhes foi passado.

As aulas práticas foram desenvolvidas ao ar livre no campo de treinamento do corpo de Bombeiros da cidade supracitada. Foram utilizados manequins, ambu's³ (utilizado para realizar respiração boca a boca) e maca. Antes de cada aula foi realizado um questionário de maneira oral, contendo perguntas objetivas acerca do assunto, para que fosse possível a percepção de como este conhecimento era tido pelos indivíduos que ali estavam.

Atendimentos de urgência, em especial em APH exigem preparo técnico, físico e emocional. O treinamento em situações simuladas, o conhecimento e a experiência acumulada são indispensáveis (CETS, 2017). Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ciências, promover a autonomia do indivíduo desde a mais tenra idade é fundamental para sua formação enquanto cidadão consciente (BRASIL, 1998, DIAS et al, 2014), deste modo, e como foi possível visualizar, as práticas ofertadas foram pensadas de modo a atingirem a realidade⁴ dos participantes.

Após as aulas que foram ofertadas e por intermédio da simulação realizada, ficou claro que o aproveitamento do que foi proposto chega a satisfazer, sabendo que dos 27 sujeitos que tiveram oportunidade de presenciar esta aula 22 conseguiram desempenhar a simulação 100% correta, incluindo as respostas às perguntas que eram feitas oralmente enquanto estes faziam as manobras ensinadas, sendo assim, pode-se dizer que a ação permitiu promover o protagonismo, autonomia e socialização entre os mesmos.

Desta forma, e se observamos o que diz os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ciências no que diz respeito ao Ensino Fundamental veremos que este indica alguns objetivos fundamentais como, por exemplo, os alunos devem ser capazes de:

(...)desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p.7).

Ou seja, o estudo é o centro de um processo de aprendizagem que levará o indivíduo a se desenvolver em suas diversas dimensões como diz os PCN, sendo este desenvolvimento intelectual, físico, corporal social, e ético. Assim, para que este se concretize, há como ponto principal a autonomia. O indivíduo é autônomo quando o mesmo é capaz de pesquisar e aprender sobre o assunto que corresponder com seus interesses, quando se relaciona consigo e

² Eram Bombeiros Militares e Civis, com formação adequada para desenvolvimento de tal.

³ Ensinamos também como fazer ambu de garrafa PET, uma vez que este é um material caro e considerando a realidade dos mesmos, seria difícil ter em posse o objeto supracitado.

⁴ Com isso, quero explicitar que a realidade dessa comunidade, é tida como mais carente, propícia para o desencaminhamento do indivíduo, uma vez que os bairros a qual emergem são tidos como ponto de vendas de drogas entre outros, além da dificuldade da entrada de socorro médico. Em ambos os casos dar autonomia ao indivíduo faz com que este se sintam parte do meio ao qual estão inseridos, propiciando um melhor desenvolvimento integral para todos.

com os outros a sua volta de maneira saudável e usando-se do respeito, adotando hábitos melhores de autocuidado e vivendo de maneira coerente com seus valores e princípios.

Sendo assim para que se chegue a esta autonomia cabe ao professor em sala (ambientes formais) ou não (ambientes não formais) permitir que o estudante tenha liberdade de escolha como é previsto na constituição cidadã de 1988, desde que esta não fira os outros direitos das pessoas do meio ao qual o estudante está imerso. O professor deve sempre apostar no desejo que o indivíduo possui em aprender e se desenvolver, criando um ambiente seguro para que propicie ao aluno a liberdade de fazer escolhas, seguindo os seus interesses, e buscando sempre atingir os objetivos específicos, respeitando seu ritmo, e assim o mesmo conseguirá desenhar sua trajetória (LUCKESI, 2011).

Conclusão

A vivência das atividades permitiu que os alunos desenvolvessem mais autonomia em meio a possíveis situações de acidentes em seu cotidiano, além de fomentar nestes a imersão no ensino, buscando profissionalização para que atuem em meio ao que lhes foram apresentados.

A atividade permitiu que eles desempenhassem funções que antes eram realizadas de maneira incorreta, segundo o que eles mesmos relataram. O envolvimento da turma para com o que ali fora proposto foi de fato notável, considerando que alguns deles não estudam ou expuseram não ter gosto pelo mesmo.

Considerando todo o conhecimento aqui referido é perceptível de fato a discrepância do conhecimento que antes eles possuíam com o conhecimento novo que agora fazem parte do que eles sabem. Deste modo, faz-se essencial que se continue a se instigar sempre e cada vez mais nestes jovens o protagonismo e a autonomia para que se sintam ativos e participantes na sociedade que os rodeiam.

Referências

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais:** Ciências Naturais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencias.pdf> Acesso em: 07 de Jul. 2018

CETS-Centro de Ensino e Treinamento em Saúde. O que é Trauma? Disponível em: <https://blog.cets.com.br/o-que-e-trauma/>. Acesso em: 28/08/2018.

CODEPPS. Prefeitura da Cidade de São Paulo. Secretaria Municipal da Saúde. Manual de prevenção de acidentes e primeiros socorros nas escolas/Secretaria da Saúde. Coordenação de Desenvolvimento de Programas e Políticas de Saúde. CODEPPS. São Paulo: SMS, 2007.

DIAS et al. Primeiros socorros para alunos e professores de uma escola pública do Oeste do Paraná: Educação em Saúde. FIEP BULLETIN - Volume 84- Special Edition - ARTICLE II - 2014 (<http://www.fiepbulletin.net>)

FIORUC, B.E; MOLINA, A.C; JUNIOR, W.V; LIMA, S.A.M. Educação em saúde: abordando primeiros socorros em escolas públicas no interior de São Paulo. **Rev. Eletr. Enf.** São Paulo, v.10, n.3, p.695-702, 2008.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: um ato amoroso. In: LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22. Ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 201-2013.

LUZ, Madel Therezinha. **Cultura Contemporânea e Medicinas Alternativas: Novos Paradigmas em Saúde no Fim do século XX**, Ver. Rio de Janeiro, Saúde Coletiva, 2005 (p.145-176).

RIBEIRO, Carolina Siqueira. **Os primeiros socorros como uma competência de efetivação dos direitos referentes à vida e à saúde: o desafio do educador infantil**, FACVEST, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/VERSAILE/Downloads/1228-4457-1-PB.pdf> Acesso em: 12 de Nov. de 2017.